

## HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA EM PELOTAS E SEU POTENCIAL PARA DEBATES DE GÊNERO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

*Bruna de Farias Xavier*  
Universidade Federal de Pelotas  
[brunafarias\\_x@hotmail.com](mailto:brunafarias_x@hotmail.com)

*Diogo Franco Rios*  
Universidade Federal de Pelotas  
[riosdf@hotmail.com](mailto:riosdf@hotmail.com)

### **Resumo:**

Este trabalho objetiva por apresentar reflexões decorrentes de duas pesquisas que vêm sendo realizadas no acervo escolar do Colégio Municipal Pelotense, localizado na cidade de Pelotas-RS, reflexões estas a respeito da documentação escolar enquanto suporte de reflexões que emergem sobre temas não discutidos no curso de licenciatura em matemática da Universidade Federal de Pelotas, mas que podem auxiliar a formação de futuros professores de matemática. Abordaremos a documentação referente às fichas funcionais e de assentamento de professores e professoras de matemática, correspondentes ao período de 1916-1967, dos quais analisamos o tema feminização do magistério. Por fim, apresentamos considerações a respeito da feminização do ensino de matemática no referido colégio, que surgem a partir da documentação analisada, e que podem auxiliar na formação de professores de matemática uma vez que possibilitam o debate de temas que promovem uma reflexão acerca da profissão do docente nesta disciplina.

**Palavras-chave:** História da Educação Matemática; formação de professores de matemática; documentação escolar.

### **1. Introdução**

O presente trabalho está inserido no campo da História da Educação Matemática, tendo como enfoque a formação de professores de matemática, visando apresentar reflexões que emergiram de duas pesquisas realizadas junto ao acervo documental do Colégio Municipal Pelotense, localizado na cidade de Pelotas-RS. Destas, a primeira trata-se de uma pesquisa de mestrado a respeito da inserção das primeiras professoras no magistério do ensino secundário no referido colégio, e a segunda é projeto de pesquisa “Educação Matemática no Rio Grande do Sul: instituições, personagens e práticas entre 1890 e 1970” coordenados por um dos autores, no qual se tem por objetivo produzir explicações historiográficas a respeito das práticas educativas de matemática ocorridas no Rio Grande do Sul, localizando, identificando e analisando instituições de ensino e personagens relacionados com o ensino da disciplina, entre 1890 e 1970, desde o período de criação do modelo “grupo escolar” até a

extinção do ensino primário e secundário a partir da criação da escola obrigatória de oito anos; ambas as pesquisas encontram-se vinculadas ao Centro de Estudos Investigativos em História da Educação (CEIHE) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

A partir do desenvolvimento destas duas pesquisas, que possuem finalidades distintas, identificou-se uma potencialidade em comum: o acesso às fontes históricas educacionais poderia contribuir com a formação de professores de matemática.

Para a construção deste trabalho tomamos como pressuposto que o acesso aos conjuntos de documentos presentes nos acervos escolares quando transformados em *lugares de memória* (NORA, 1993), podem auxiliar na formação de futuros professores de matemática (RIOS, 2015), ao colocá-los em contato, a partir dos vestígios documentais preservados, com as práticas escolares anteriores e o legado deixado à nova geração de profissionais.

Desse modo, o presente trabalho objetiva propor reflexões a respeito de como estes conjuntos de documentos podem auxiliar na formação de professores, ao dispararem questões a respeito de temas não usualmente analisados nos cursos de licenciatura e, com isso, contribuir em aspectos da formação inicial de professores de matemática.

Aqui, apontaremos para um tema específico, a saber: a feminização<sup>1</sup> do magistério, que propõe considerações a respeito de gênero e a formação de professores de matemática, mobilizadas pelo acesso às fontes documentais localizadas no acervo do Colégio Municipal Pelotense, a partir de questões como, por exemplo: Como se deu a inserção das primeiras professoras na cidade? Qual o cenário da época e qual a sua importância nas discussões sobre o modo de ensinar matemática? Como vêm sendo debatidas as questões de gênero dentro dos cursos de licenciatura e qual a importância e reflexo deste debate? Quem pode ser professor de matemática e quais as habilidades necessárias que independem do gênero?

Para apresentar estas questões, visamos um conjunto específico de documentação escolar, que se tratam das fichas funcionais e de assentamento de professores e professoras de matemática, correspondente ao período de 1916 – 1967, dos quais se pretende apresentar

---

<sup>1</sup> Abordaremos aqui o significado qualitativo deste termo, o qual “[...] refere-se às transformações em um determinado tipo de ocupação, vinculadas à imagem simbólica do feminino predominante na época ou na cultura especificamente analisadas” (YANNOULAS, 2011, p.283).

questões que podem ser abordadas em cursos de formação de professores de matemática na cidade, possibilitando reflexões que impactarão sua atuação em instituições escolares, a partir de temas que reportam a formação e atuação de outros professores que o antecederam. O recorte temporal justifica-se, pois, dentre as fichas funcionais e de assentamento encontradas, a primeira referente a um professor de matemática, corresponde ao ano de 1916, e encerra-se em 1967 devido ao recorte estabelecido em uma das pesquisas que vai até 1970. Cabe salientar que dentre estes professores, a primeira professora de matemática é contratada apenas em 1963.

O tema abordado em relação a tais documentos refere-se às questões de gênero (ALMEIDA, 1998; CHAMON, 2005; LOURO, 1987, 1997; MATOS, 1997, 2013), questões estas voltadas ao processo de formação, inserção e trajetória de professoras; e o modo como tais relações interferem na atuação profissional e o modo de agir e pensar em relação ao tema.

Neste sentido, ponderamos que a explanação a respeito do tema em cursos de Licenciatura em Matemática justifica-se no sentido de que acrescentar uma discussão, ainda que breve, sobre a feminização do magistério e a inserção de professoras de matemática na cidade, se faz necessário em função da existência de um discurso presente durante muito tempo na Educação, no qual disciplinas da área das Ciências Exatas, caracterizadas por sua racionalidade e lógica, eram melhor desempenhadas por homens (SOUZA e FONSECA, 2009a, 2009b, 2010).

Em 2010, Valente publicou um trabalho a respeito do potencial que a história da educação matemática teria na formação de professores, identificando outros trabalhos que também refletiram a respeito desse tema, tendo como destaque o trabalho de Miguel e Miorim (2004), por indicarem em suas práticas de formação de professores a incorporação da história da educação matemática à história da matemática, e o de Garnica (2006), que aponta para contribuição que o estudo de produções de história oral, com foco na educação matemática, pode ter para a formação de professores.

Ainda tratando do mesmo assunto, Valente (2013) defende “[...]a necessidade de os cursos de Licenciatura em Matemática reservarem um lugar, no currículo, para a abordagem da matemática da escola básica numa perspectiva histórica” (p.940), por reconhecer a importância de futuros professores de matemática refletirem a respeito dos processos

históricos de construção “dos saberes elementares matemáticos” (Idem, p.950), com os quais atuarão em sua futura prática docente na educação básica.

Ou seja, algumas temáticas do campo da História da Educação Matemática possuem um potencial reflexivo interessante para a formação de professores mas, em muitos casos, não tem espaço para discussão nos cursos de licenciatura. Daí, o recurso à história da educação matemática local pode figurar como uma alternativa para trazer esses temas à baila e possibilitar a inclusão deles na Formação de Professores.

Segundo Rios (2015),

A utilização de materiais do cotidiano escolar pode ampliar ainda mais as possibilidades de debates que, tradicionalmente, já permeiam as disciplinas de prática de ensino e as atividades de estágio supervisionado, previstas nos currículos de matemática brasileiros, ainda que tais debates estejam geralmente limitados à situação atual das instituições educacionais (p. 19).

No caso deste trabalho, analisamos materiais que indiquem os arranjos sociais que definiam o papel da mulher no ensino de matemática na cidade de Pelotas. Materiais estes que podem ser utilizados para discutir questões relacionadas à temática de gênero nas práticas educativas atuais e os papéis que as mulheres vêm ocupando no campo profissional da educação matemática brasileira.

Fazemos a escolha pela temática feminização e formação de professores de matemática uma vez que tem sido reconhecido que,

[...] as reflexões sobre relações de gênero aparecem muito timidamente nas pesquisas e dificilmente se estabelecem como o foco das investigações. As tensões que se estabelecem nessas relações e que envolvem conhecimentos e práticas matemáticas parecem-nos, porém, decisivas na análise de diversos fenômenos que preocupam educadores e pesquisadores da Educação Matemática. Nesse sentido, ao discutirmos a emergência do conceito de gênero nas pesquisas sobre Educação, bom como suas nuances e repercussões, apontamos para a importância de sua adoção como categoria de análise para o campo da Educação Matemática, ressaltando os deslocamentos que se encontram implicados em tal adoção (SOUZA; FONSECA, 2009a, p. 30-31).

Deste modo consideramos este um tema de suma importância na formação de professores uma vez que “[a] segregação social e política a que as mulheres foram historicamente conduzidas tivera como consequência a sua ampla invisibilidade como sujeito - inclusive como sujeito da Ciência.” (LOURO, 1997, p.17).

Bem como aborda Chamon (2005) em sua pesquisa sobre a trajetória de feminização do magistério, “[...] a mulher, regra geral, não figura na história da política social e educacional e nem nos arquivos públicos oficiais. Encontramo-las, apenas, nas entrelinhas das fontes de pesquisa (p.19)”.

A seguir, apresentaremos algumas marcações de caráter histórico que foram produzidas a partir do contato com o acervo do Colégio Municipal Pelotense e que têm nos servido para iniciar a elaboração de algumas provocações que entendemos interessantes de serem trazidas para a formação de professores de matemática, no que se referem ao debate que associa gênero e educação matemática.

## 2. Contextualizando o Colégio Municipal Pelotense

Segundo documentos encontrados no acervo escolar, o Gymnasio Pelotense, atual Colégio Municipal Pelotense, foi fundado em 24 de outubro de 1902 pela Maçonaria pelotense representada pelas Lojas Rio Branco, Lealdade e Antunes Ribas, com o nome de Gymnasio Pelotense.

Sobre a Maçonaria, de acordo com estudos realizados por Amaral (2005), esta

[...] é uma instituição filosófica e filantrópica que se auto-define como de natureza discreta e privada, cujas origens se perdem na Antigüidade, assim como os mistérios e perseguições que a envolvem. Não há um consenso entre aqueles que se dedicam ao estudo dessa instituição no que se refere à sua origem e definição (p. 28).

Desta maneira, as organizações ou Lojas maçônicas têm como premissas a liberdade, a democracia, a igualdade e a fraternidade. Neste sentido, a maçonaria é, portanto, uma sociedade fraternal e filantrópica, que admite todo homem livre e de bons costumes, sem distinção de raça, religião e ideário político (NETO, 2002).

Sob este viés ideológico, a ideia de fundação do Gymnasio Pelotense surge a fim de opor-se fortemente a outro estabelecimento de ensino local de grande prestígio na época, fundado segundo os princípios da Igreja Católica, a saber, o Colégio Gonzaga<sup>2</sup>. Além disso, por intermédio da educação, seria possível efetivar a disseminação de seus princípios e ideais desde a infância.

<sup>2</sup> De acordo com Amaral (2005, p.17), o Colégio Gonzaga foi criado em 1894, sendo o primeiro colégio religioso de ensino secundário, fundado pelos jesuítas, em Pelotas.

Pensando no papel da mulher para a Ordem Maçônica (TORRENT, 2003; GOMES, 2009), percebe-se que não se difere do contexto brasileiro, no qual a mulher exercia o papel de mantenedora o lar, no sentido de cuidado e zelo com a família e a casa, pois segundo os autores apresentados, a esta lhe era atribuído o papel de alicerce familiar, sendo ela a principal responsável pela educação dos filhos e dos cuidados com o lar.

De acordo com Torrent (2003),

Para os maçons, a mulher é a Deusa do lar, é aquela que reúne a família em torno de si, que auxilia o marido, ocupando-se das tarefas do lar e da educação moral dos filhos, a fim de torná-los dignos de serem os homens de amanhã, inspirando-lhes aqueles sentimentos de afetividade e de moral sobre os quais assenta a sociedade (p.1).

Sendo assim, é possível notar que a valorização da mulher segundo os princípios maçons, estaria relacionada e limitada à sua boa relação com o lar e à família. Pois de acordo com o discurso maçom, aparentemente, não há especificidades para a formação da mulher enquanto produtiva para a sociedade através do trabalho ou outra função que não estivesse relacionada à casa, à organização familiar ou a atividades filantrópicas, uma vez que caberia ao homem a tarefa de subsidiar os gastos familiares. O que se refletia na cultura escolar (JULIA, 2001) de tal instituição e assim, na contratação de professoras para ministrar aulas de matemática e demais disciplinas.

A seguir serão apresentadas, em forma de tabela, as fichas funcionais e de assentamento dos professores de matemática, obtidas no arquivo passivo do referido colégio, a fim de apresentar quando se deu a inserção destas professoras e as análises que podem gerar debates importantes sobre a feminização do magistério no ensino de matemática, e como este debate auxilia na formação de professores de matemática.

### **3. Primeiros professores de matemática no Colégio Municipal Pelotense e as reflexões que surgem a respeito do processo de feminização do ensino de matemática**

Sobre os professores de matemática no referido colégio, encontramos as fichas funcionais e de assentamentos dos mesmos, que serão apresentadas na tabela a seguir, tais documentos referem-se ao período de 1916-1967.

**Tabela 1:** Ficha funcional e de assentamento dos professores de Matemática (1916-1967)

NOME	ANO DE NASCIMENTO	INGRESSO	FORMAÇÃO	ESTADO CIVIL	REGISTRO DE PROFESSOR	OUTRAS INSTITUIÇÕES DE ATUAÇÃO
Joaquim Alves da Fonseca	1897	Março/1916	_____	Casado	Aritmética, álgebra, geometria e trigonometria	_____
Jorge Salis Goulart	1889	Jan./ 1922	_____	_____	Aritmética	_____
Silvino Derengowsky	1889	9/3/1925	_____	Casado	Desenho	Escola de agronomia e veterinária Eliseu Maciel (desenho)
Benjamin Gastal Filho	1908	Provavelmente 1931	Engenharia Agrônômica e curso de prof. de extensão (U.S.A)	Solteiro	Engenharia Agrônômica e Faculdade de Economia	Desenho, física, matemática e geografia
Platão Louzada Alves da Fonseca	1926	1/4/1950	Bach. em Ciências Econômicas – UCPel	Casado	Matemática (1º e 2º ciclo)	C.A.V.G. e Fac. De Ciências Econômicas
*Augecy Moralles Carvalho	1926	1/3/1963	Exame de Suficiência para matemática – 1º ciclo (1963)	Casada	_____	_____
*Solange Teixeira Franco	_____	--/3/1964	Matemática – UCPel	_____	Mat., Física e Desenho Geométrico (1968)	_____
Antônio Silvio Calderipe	1942	1/3/1964	Lic. em Matemática – UCPel	Casado	Mat. (1º e 2º ciclo), Física (2º ciclo) e Desenho Geométrico (1º e 2º ciclo)	UCPel e UFPel
Armando Irogoen Fagundes	1943	1/3/1964	_____	Solteiro	_____	_____
*Eloiza Helena Sandim Afonso	1945	6/3/67	Lic. em Matemática – UCPel	Solteira	_____	Grupo Esc. Getúlio Vargas (Pedro Osório)



A partir da Tabela 1, é possível notar que durante um tempo considerável esta disciplina era ministrada exclusivamente por professores do sexo masculino, leigos ou que possuíam formação em outros cursos que não os de licenciatura em Matemática. Claro que não se pode ignorar que a profissão de professor de matemática no Brasil, formado em licenciatura, inicia-se em 1934, com a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (USP). No Rio Grande do Sul, o primeiro curso de Licenciatura em Matemática foi criado em 1942, na atual Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Já em Pelotas, em 1951, o Bispo Diocesano Dom Antônio Zattera deu início a uma articulação para a criação de uma faculdade de Filosofia, Ciências e Letras para o município, esta proposta se efetiva somente em 1960, por meio do Decreto nº 49.088, de 07/10/1960 (BRASIL, 1960), que oficializou a criação da Universidade Católica de Pelotas (UCPel). Esta foi a responsável pela criação do primeiro curso de Licenciatura em Matemática não só na cidade, mas também na região, o qual se encontra em funcionamento até os dias atuais. Sobre o curso, de acordo com o levantamento realizado sobre sua criação, tem-se que o mesmo se dava através de sistema anual, com duração de quatro anos e obteve o reconhecimento do Ministério da Educação em 1967 pelo Decreto 60.061, de 13/01/1967 (BRASIL, 1967).

Comparando estes dados apresentados acima, com a análise a respeito do período no qual são contratadas as primeiras professoras, evidencia-se que esta se dá somente em 1963, ou seja, a partir da criação de um curso de licenciatura em matemática, o que nos leva a interpretar que o ensino da matemática antes da década de 1960 era considerado uma atividade masculina. As mulheres passam a ser aceitas na função de professora dessa disciplina apenas após a conclusão do curso. Não dá para ignorar que se tem aí uma afirmação de diferenciação de gênero que somente passou a admitir mulheres para lecionar matemática uma vez validada academicamente seus conhecimentos específicos na área e capacidade de lecionar tal disciplina.

Claro que alguém pode supor que as mulheres não se interessassem pela docência em matemática e que, possivelmente, estivesse aí a justificativa de sua tardia inserção enquanto professora desta área, porém em estudos realizados por um dos autores deste trabalho em sua pesquisa de mestrado que investiga a inserção de professoras no ensino secundário do Colégio



## Municipal

Pelotense, constata que no quadro geral de professores desde a criação do colégio, a partir do final da década de 1920 são contatadas as primeiras professoras, estas encarregadas da área correspondente às Ciências Humanas, como disciplinas de línguas estrangeiras, educação física, trabalhos manuais e canto orfeônico e as disciplinas voltadas às Ciências Exatas eram ministradas por professores leigos do sexo masculino.

Porém, quando analisamos a tabela anterior, é possível constatar que a primeira professora de matemática é contratada apenas em 1963, com formação pela UCPel, instituição esta responsável por criar o primeiro curso de licenciatura em matemática na cidade de Pelotas em 1960, ou seja, na primeira turma de tal curso já havia mulheres interessadas em obter a capacitação para ministrar tal disciplina.

Assim, é possível inferir que a tardia inserção das mulheres na docência de matemática no referido colégio esteve relacionada de fato não à falta de interesse, e sim às disputas de poder em relação a gênero na carreira docente de matemática, sendo a obtenção do diploma de formação a comprovação necessária de suas habilidades e capacidades para lecionar tal disciplina.

Deste modo, acredita-se que tais análises auxiliam debates e reflexões a respeito da composição da carreira docente de matemática uma vez que temas como este não possuem um espaço específico nos cursos de licenciatura em matemática, mas são de suma importância para a compreensão da gênese e estrutura da profissão que temos nos dias de hoje.

#### **4. Considerações Finais**

Com este trabalho esperamos ter indicado algumas primeiras provocações que têm surgido a partir de uma aproximação entre a História da Educação Matemática (de caráter local) e a formação de professores, a partir da análise e apresentação do tema feminização em uma instituição específica. Abrindo espaço para discussões sobre as contribuições que a documentação escolar pode acarretar nos cursos de licenciatura em matemática, uma vez que tais reflexões promovem o crescimento e desenvolvimento da criticidade e argumentação em relação a temas que não possuem um espaço específico nos cursos de formação de professores.

Aqui, apresentamos dados que proporcionam questionamentos sobre a composição do cenário atual da profissão docente em matemática, sendo este composto em grande parte por professoras.

Analisamos ainda, que na cidade de Pelotas, mais específico, no Colégio Municipal Pelotense, a inserção das professoras de matemática se dá somente após a criação do primeiro curso de Licenciatura em Matemática na cidade, sendo a obtenção do diploma a possibilidade de comprovação de sua capacidade em ministrar esta disciplina, ensinada antes apenas por professores do sexo masculino, leigos ou com formação em outros cursos.

Reconhecemos que ainda há muito que avançar na direção de poder utilizar um debate historiográfico na formação de professores, o que esperamos que ocorra no decorrer da pesquisa de mestrado de um dos autores e com a inclusão de algumas atividades que viabilizem o acesso dos alunos dos cursos de Licenciatura ao conhecimento histórico produzido localmente, durante as disciplinas voltadas para a formação sociocultural dos futuros professores existentes na UFPel, que realizaremos durante o corrente ano.

## 5. Referências

ALMEIDA, J. S. *Mulheres e Educação: a paixão pelo possível*. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

\_\_\_\_\_. *Mulheres na educação: missão, vocação e destino? A feminização do magistério ao longo do século XX*. In: SAVIANI, Dermeval et al. *O legado educacional do século XX no Brasil*. Campinas: Autores Associados, 2004. p.59-94.

AMARAL, G. L. *O Gymnasio Pelotense e a Maçonaria: uma face da história da educação em Pelotas*, 2. ed. Pelotas: Seiva, 2005.

BRASIL. Decreto nº 49.088, de 7 de Outubro de 1960. Concede à Universidade Católica Sul - Radiograndense de Pelotas regalias de Universidade livre comparada e aprova o seu Estatuto. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 12 de novembro de 1960. Seção 1, p. 14755.

BRASIL. Decreto nº 60.061, de 13 de janeiro de 1967. Concede o reconhecimento aos Cursos de Ciências Sociais, Matemática, Física e História Natural da Faculdade de Filosofia da Universidade Católica de Pelotas. Diário Oficial, Brasília, DF, 17 de janeiro de 1967. Seção 1, p. 675.

CHAMON, M. *Trajatória da feminização do magistério: ambiguidades e conflitos*. Belo Horizonte: Autêntica / FCH - FUMEC, 2005.

GARNICA, A. V. M. História Oral e Educação Matemática: um inventário. *Revista Pesquisa Qualitativa*, São Paulo: Sociedade de Estudos e Pesquisa Qualitativos. v.2, n.1, p.137-160, 2006.

GOMES, V. *Mulher & Maçonaria*. Porto Alegre: RS Editora, 2009.

JULIA, D. A cultura escolar como objeto historiográfico. Tradução: Gizele de Souza. *Revista Brasileira de História da Educação*, São Paulo, n. 1, 2001, p. 9-44.

LOURO, G. L. Mulheres na sala de aula. In. DEL PRIORI, M. (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2001, p. 443 – 481.

\_\_\_\_\_. *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. *Prendas e Antiprendas: uma escola de mulheres*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 1987.

MATOS, M.I. S. História das mulheres e das relações de gênero: campo historiográfico, trajetórias e perspectivas. *Mandrágora*, v.19. n. 19. São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo, 2013, p. 5-15. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.15603/21760985/mandragora.v19n19p5-15>>. Acesso em: 19 fev. 2016.

\_\_\_\_\_. Outras histórias: as mulheres e estudos dos gêneros – percursos e possibilidades. In: SAMARA, Eni de Mesquita. (org.). et alli. *Gênero em Debate: trajetória e perspectiva da historiografia contemporânea*. São Paulo: EDUC, 1997, p. 83-114.

MIGUEL, A.; MIORIM, M. A. *História na Educação Matemática*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

NETO, E. M. *O que você precisa saber sobre maçonaria*. São Paulo: ieditora, 2002. Disponível em: <[https://docs.google.com/file/d/0BzS\\_4zBqzrQfcUg0RC1icDNVUGM/edit](https://docs.google.com/file/d/0BzS_4zBqzrQfcUg0RC1icDNVUGM/edit)> Acesso em: 6 nov. 2015.

NORA, P. Entre memória e História: a problemática dos lugares. Tradução: Yara Aun Khoury. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, dez. 1993.

RIOS, D. F. Contribuições dos Lugares de Memória para a Formação de Professores de Matemática. *Acta Scientiae*, v.17, ed. especial. Canoas, 2015, p.5-23.

SOUZA, M. C. R. F; FONSECA, M. C. F. R. Conceito de Gênero e Educação Matemática. *Bolema*, ano 22, nº 32. Rio Claro, 2009a, p. 29-45.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. Discurso e “verdade”: a produção das relações entre mulheres, homens e matemática. *Revista Estudos Feministas*, vol. 17, nº 2, maio-agosto, Florianópolis, 2009b, p. 595-613.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. *Relações de gênero, Educação Matemática e discurso: enunciados sobre mulheres, homens e matemática*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

TORRENT, F. C. S. A Importância da Mulher para a Maçonaria. *Revista A TROLHA*, ed. 195, jan. 2003. Disponível em:<<http://www.maconaria.net/portal/index.php/artigos-publicacoes/61-a-importancia-da-mulher-para-a-maconaria?hitcount=0>>. Acesso em: 23 mar. 2016.

VALENTE, W. R. História da Educação Matemática: considerações sobre suas potencialidades na formação do professor de matemática. *Bolema*, v.23, n.35, p.123-136, 2010.

\_\_\_\_\_. A constituição dos saberes elementares matemáticos: a aritmética, a geometria e o desenho no curso primário em perspectiva histórico-comparativa, 1890-1970. *GHEMAT*, Projeto financiado pelo CNPq, 2013.

YANNOULAS, S. C. Feminização ou feminilização? Apontamentos em torno de uma categoria. *Temporalis*, Brasília, ano II, nº 22, jul./dez. 2011, p. 271-292.